

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXX



COIMBRA 1995
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

ALBERTO SAMPAIO E A HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA*

Antonio Rafael Amaro

Acontece quase sempre com as obras que ousam ser pioneiras, seja qual for o campo de abordagem: só passado algum tempo, sobre a sua produção e publicação, é que aqueles a quem elas especialmente se destinam lhes dão o devido valor e as recolocam no lugar que merecem. Pode dizer-se que a obra legada por Alberto Sampaio confirma, na íntegra, este fatalismo. Durante tanto tempo apenas conhecida por especialistas, ninguém lhe nega hoje um lugar de destaque no contexto da nossa historiografia, continuando mesmo—como recentemente afirmou Jorge Borges de Macedo, *no Congresso Histórico Comemorativo dos 150 anos do nascimento de Alberto Sampaio* (') — a fornecer matéria de debate e vias de

* Este artigo, ainda que com muitas modificações e outros desenvolvimentos, resultou de um trabalho de Seminário, integrado no I Curso de Mestrado em História Contemporânea de Portugal (1991-1992), orientado pelo Prof. Doutor José M. Amado Mendes. Depois disso, este mesmo trabalho veio também a beneficiar de importantes achegas por parte do Prof. Doutor Luís Ferrand de Almeida, a quem, naturalmente, muito agradeço.

0) Congresso organizado pelo Museu Alberto Sampaio e pela Câmara Municipal de

interpretação, de grande fecundidade para a investigação contemporânea ⁽²⁾.

A relativa precocidade metodológica e epistemológica de grande parte dos trabalhos de Alberto Sampaio tardou a encontrar na nossa historiografia o acolhimento e a influência merecidos. Em geral, as obras históricas de síntese da primeira metade do nosso século, excepção feita a referências muito específicas sobre o eramento, acabaram por pouco reter do seu contributo pioneiro — ⁽³⁾. Isto, mesmo que se não possa deixar de concordar com os autores que, ultimamente, têm afirmado que a escassez de referências à sua obra acaba por dar um retrato enganador. Dado que tudo parece indicar — questão que merece estudos mais aprofundados — que os seus métodos e resultados tiveram mais seguidores do que as escassas citações dos seus trabalhos por vezes fazem crer ⁽⁴⁾.

Desde o primeiro contacto com a obra de Alberto Sampaio, tomou-se claro para mim que qualquer aproximação à compreensão dos seus estudos carecia, prioritariamente, de um conhecimento do contexto da sua produção, bem como das motivações do historiador. Conceção, aliás, que está de acordo com o novo paradigma de ciência, que assume, sem complexos de qualquer espécie, que todo o conhecimento é autobiográfico. E que, por consequência, recusa os ultrapassados pressupostos epistemológicos que, como é sabido,

Guimarães, em 1991. Para um melhor conhecimento das comunicações aí realizadas, durante os três dias que durou o referido evento (15,16e17de Novembro), ver *Actas do Congresso Histórico 150 Anos do Nascimento de Alberto Sampaio*—, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1995. (Doravante, esta obra será referenciada apenas por *Actas...*).

⁽²⁾ Cf. J. Borges de Macedo, "Alberto Sampaio no pensamento histórico português", *Actas...*, p.413.

⁽³⁾ Cf. José Mattoso, "Perspectivas actuais da investigação e da síntese na historiografia medieval portuguesa (1128-1383)", *Revista de Historia Económica e Social*, 9, Janeiro/Junho, 1982, p. 147.

⁽⁴⁾ Entre outros com a mesma opinião, ver José M. Amado Mendes, "Alberto Sampaio e a História Económica", *Actas...*, p. 375.

pretendiam fazer valer o princípio, a coberto de uma aparente objectividade, da necessidade absoluta de uma separação entre sujeito e objecto⁽⁵⁾. De acordo com o novo paradigma de conhecimento, sendo o objecto uma continuação do sujeito e dado que os pressupostos ideológicos, metafísicos, juízos de valor, etc., são parte integrante de qualquer tentativa de explicação da sociedade, pareceu-me lógico que, antes de tentar qualquer abordagem integradora de Alberto Sampaio, no contexto da nossa historiografia, fizesse algumas referências à sua biografia. Talvez deste modo se tome mais inteligível a leitura das suas opções epistemológicas e metodológicas, bem como a sua perspectiva (só) aparentemente regional de abordagem dos problemas nacionais.

1. O HISTORIADOR E AS SUAS CIRCUNSTÂNCIAS

1.1.A influência minhota

Alberto da Cunha Sampaio nasceu em Guimarães, em 15 de Novembro de 1841, na actual Rua D. Maria II (antiga Rua dos Mercadores), no prédio n.º124-130, que era, então, propriedade do Cónego José de Abreu Cardoso Teixeira, seu tio-avô e padrinho. Com apenas quatro meses ficou órfão de pai, que, ao tempo, exercia o influente cargo de Juiz de Celorico de Basto.

Pertencente a uma família relativamente abastada, a sua educação foi desde cedo encaminhada para uma carreira que, tudo indica, passava por um curso universitário, a tirar em Coimbra. Cidade que, como é sabido, detinha, na altura, o monopólio do ensino superior.

(5) Cf. Boaventura Sousa Santos, *Um discurso sobre as ciências sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 1990.

Com este objectivo, Alberto Sampaio, tal como o seu irmão José Sampaio, mais velho apenas alguns meses, cedo foram encaminhados para os melhores estabelecimentos de ensino existentes na região. Os primeiros anos de estudo decorreram em Landim, a que se seguiu o colégio de Braga, nos últimos anos liceais ⁽⁶⁾. Concluídos nesta cidade os estudos liceais, abriu-se então o caminho da cidade universitária, para onde, mais uma vez na companhia do seu irmão José, vão cursar direito.

Não abundam os testemunhos sobre a infância de Alberto Sampaio. Pouco dado a falar de si e dos seus, só indirectamente poderemos reconstituir alguns aspectos com interesse para a caracterização da sua personalidade e formação. Dada a raridade das referências a esta fase da vida de Alberto Sampaio—importante, como se sabe, na formação dos indivíduos —, talvez venha a propósito fazer referência a um pequeno episódio, dos poucos, aliás, contados pelo próprio sobre a sua infância, sobretudo pelo que ele nos pode revelar da sua personalidade: "Duma vez, o meu tio Gaspar — recordou Alberto Sampaio, num artigo publicado na *Revista de Guimarães*, em memória do arqueólogo e historiador Martins Sarmento ⁽⁷⁾ — ia visitá-lo [refere-se a Martins Sarmento] e levou-me consigo. Recebeu-nos no quarto de dormir, assentado na cama, com uma mesinha diante de si, entre montões de livros. Em plena florescência da mocidade, parte do dia, passava-o ali, a lê e escrever: rico, de distinta posição social, e cheio de talento,

⁽⁶⁾ Por curiosidade, saliente-se que a cidade de Braga não ignorou este facto e, em homenagem a Alberto Sampaio, deu o nome do ilustre historiador a uma das suas escolas secundárias.

⁽⁷⁾ Este artigo, em memória de Martins Sarmento, foi publicado, pela primeira vez, na *Revista de Guimarães*, Vol. I, n.º 1, vindo, posteriormente, a ser integrado por Luís de Magalhães na compilação por si feita dos vários estudos dispersos de Alberto Sampaio. Ver, neste sentido, Alberto Sampaio, *Estudos Históricos e Económicos*, pref. de Luís de Magalhães, Vol. II, Porto, Livraria Chardron, 1923, p. 119-138. (Doravante, as referências a esta obra (Vol. I e II) serão feitas, apenas, por *Estudos ...*).